Historiografia Brasileira

Maria Nely dos Santos

São Cristóvão/SE
2012

Sumário

Aula 1

E A HISTORIOGRAFIA ACONTECE ...

META

Apresentar aos alunos o surgimento da Historiografia Brasileira e sua relação com a História.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
perceber a importância e utilidade da Historiografia; conhecer seu conceito e tendências, bem como suas abordagens e periodizações.

Maria Nely dos Santos

INTRODUÇÃO

Diversas são as maneiras de você conhecer o Brasil. Naturalmente, uma delas – muito fácil de deduzir – é através de viagens. A outra, você pode fazer sem se deslocar de sua casa, ou seja, através da leitura. E, já que falamos em leitura, aproveito para fazer o convite a conhecer um pouco do Brasil por meio de O que se deve ler para conhecer o Brasil, que é um dos livros do historiador Nelson Werneck Sodré – a quem José Carlos Reis define como "um marxista pioneiro e controvertido", com primeira edição publicada em 1945, cujo objetivo já está bem explícito no próprio título.

Pois bem. Fundamentada na prática da leitura, a disciplina Historiografia Brasileira, razão principal de nossa série de encontros, tem a mesma finalidade. Por intermédio da leitura de um grupo seleto de autores e suas respectivas interpretações você conhecerá aspectos significantes sobre o Brasil. Exclusivamente, através da leitura você saberá por que e como os autores pensam diferentemente a identidade brasileira. Afinal, quando acontece o início da construção do pensamento e escrita da História Nacional?

Antes do final dos anos 70 do século passado, praticamente inexistia uma preocupação sistemática com os estudos sobre a produção do conhecimento histórico. Daí, quando se consulta os catálogos das publicações atuais constata-se que, os estudos voltados para a historiografia são recentes.

Cabe, então, indagar: esta prática recente da ciência histórica de tornar-se objeto dela mesma é uma característica apenas do Brasil? Não. Mesmo em lugares onde a ciência histórica estabeleceu-se desde o século XIX, a exemplo da Alemanha e França, esse campo de estudos custou a se constituir, e, somente no início do século XX começaram a ganhar nitidez (FREITAS, 2007).

Em que pese o argumento convincente, haveria outras alegações para um surgimento tão tardio? Prefaciando sua "História da História do Brasil" José Honório Rodrigues indica o seguinte:

> A história da história nunca Teve tratamento independente no mundo da língua portuguesa. Era na história da literatura, único ramo de historiografia intelectual exercido no Brasil e em Portugal, que se buscava e se encontrava a análise e crítica da evolução do pensamento e da forma do escrito histórico. (...). O estudo da historiografia representa, assim a libertação da disciplina história do Brasil". (RODRIGUES, 1979).

JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES (1913 - 1987)

José Honório Rodrigues
(Fonte: www.dec.ufcg.edu.br).

Professor, historiador e ensaísta brasileiro nascido no Rio de Janeiro, RJ, um dos mais importantes historiadores brasileiros do século XX e considerado o introdutor da historiografia crítica no Brasil. Filho do comerciante Honório José Rodrigues e de Judith Pacheco Rodrigues, fez os cursos ginasial e clássico no Externato Santo Antonio Maria Zacarias, Ginásio São Bento e Instituto Superior de Preparatórios e entrou na Faculdade de Direito da então Universidade do Brasil. Bacharelado em direito (1937) pela então Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, ainda estudante já escrevia para a revista A Época, da Faculdade de Direito. Resolveu escrever sobre História e aos 24 anos conquistou o Prêmio de Erudição da Academia Brasileira de Letras por seu primeiro trabalho em historiografia, Civilização holandesa no Brasil (1937), em colaboração com Joaquim Ribeiro, prêmio que muito contribuiu para que continuasse a estudar a História. Trabalhou como ajudante técnico do Instituto Nacional do Livro (1939-1944) período em que foi contemplado com uma bolsa de pesquisa da Fundação Rockefeller, morou nos Estados Unidos (1943-1944), freqüentando cursos na Universidade de Colúmbia e desenvolvendo pesquisas em história. Voltando definitivamente ao Rio de Janeiro, assumiu a direção da Divisão de Obras Raras e Publicações da Biblioteca Nacional (1945-1958), sendo diretor interino da mesma Biblioteca em várias ocasiões. Também dirigiu a Seção de Pesquisas do Instituto Rio Branco, do Ministério das Relações Exteriores (1948-1951) e o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro (1958-1964), tendo promovido extensa reforma do seu serviço. Foi professor do Instituto Rio Branco, do Ministério das Relações Exteriores (1946-1956), tornou-se professor do Ensino Superior do Estado da Guanabara (1949) até

se aposentar e foi professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro por vários anos, além de professor visitante em inúmeras universidades norte-americanas, de Pós-Graduação na Universidade Federal Fluminense e do Doutorado da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi secretário executivo do Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (1964-1968) e editor da Revista Brasileira de Estados Internacionais. Tornou-se (1969) o terceiro ocupante da Cadeira 35 da Academia Brasileira de Letras, na sucessão do advogado, poeta e escritor Rodrigo Octavio de Langgaard Meneses Filho (1892-1969) e teve ativa participação internacional. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Portuguesa de História, da Royal Historical Society e da Hispanic Society of America, editor associado da Hispanic American Historical Review, membro do conselho diretivo da Revista de Historia de América, no México, e da Historical Abstracts, nos Estados Unidos, além de extensa colaboração em jornais e revistas. Além do Prêmio de Erudição da ABL (1937), recebeu o Prêmio Clio de Historiografia da Academia Paulista de Letras (1980), Prêmio de História do Instituto Nacional do Livro (1980) e a Medalha do Congresso Nacional (1980). Era casado com a jurista, tradutora para o português de muitas obras jurídicas estadunidenses e historiadora brasileira Lêda Boechat Rodrigues (1918-), autora da História do Supremo Tribunal Federal, em 4 volumes, e morreu no Rio de Janeiro, aos 73 anos. Publicou, entre outras, as obras Historiografia e bibliografia do domínio holandês no Brasil (1949), Historiografía del Brasil - siglo XVI (1957), Historiografía del Brasil - siglo XVII (1963), Vida e história (1966), História e historiografia (1970) e os seis volumes de Independência, revolução e contra-revolução (1975-1976).
Figura 2: José Honório Rodrigues – Fonte: www.dec.ufcg.edu.br/biografias/josehoro.html .

Seguindo uma linha de raciocínio, quase idêntica a de Rodrigues, o historiador Amaral Lapa opina dessa maneira:

> Até há pouco tempo atrás a preocupação pela análise e crítica da evolução dos estudos históricos no Brasil ficou quase sempre entregue aos historiadores da literatura, que sendo geralmente muito mais literatos do que historiadores, faziam como é natural história da literatura ou história literária, realizando nesses casos um estudo que está muito longe de poder satisfazer ao historiador (LAPA, 1976).

Assim, se por um lado, a indistinção de fronteiras entre os historiadores da literatura e os estudiosos da história contribuiu como uma forte razão, por outro lado, "a institucionalização dos estudos históricos" em nível universitário é que permitiu senão o surgimento da Historiografia Brasileira, pelo menos ensejou o seu amadurecimento" (LAPA, 1976).

Toda essa conversa inicial objetiva apresentar a disciplina "Historiografia Brasileira", bem assim acentuar que os estudos da história da historiografia, apesar de terem se tornado comuns, são muito recentes.

Agora que você já recebeu uma motivação para dedicar-se ao estudo desta disciplina, gostaria de instigar a sua curiosidade com algumas indagações. Afinal o que é historiografia? Qual o objeto da história? Qual a relação entre História e Historiografia? Há critérios e maneiras de abordagens para estudá-la?

Para que entenda melhor as respostas, preste atenção nesta afirmação:

> Os historiadores reescrevem continuamente a história. E o fazem talvez por duas razões principais: em primeiro lugar, pela especificidade da mesma do objeto do conhecimento histórico: os homens e as sociedades humanas no tempo. [...] O presente exige a interpretação do passado para se representar, se localizar e projetar o seu futuro.
> Cada presente seleciona um passado do que deseja e lhe interessa conhecer.
> A história é necessariamente escrita e reescrita a partir das posições do presente, lugar da problemática da pesquisa e do sujeito que a realiza". (REIS, 1999: 9).

Tudo isto equivale dizer que um acontecimento pode ser escrito e reescrito inúmeras vezes, a partir de vários enfoques e recortes de espaço, tempo e sobremodo do tempo e contextos do "sujeito", que o executa.

Como sabemos, no século XIX, a historiografia era definida como gênero literário e, posteriormente, elevada à categoria de conhecimento científico. Nos dias atuais, em razão das novas roupagens da história novos métodos, novos olhares, novos campos e novas tipologias de fontes, as definições ganharam novos contornos. Compreendendo da mais sintética à mais ampliada ela seria: a) história da história; b) reunião dos escritos da história; c) a reflexão sobre a trajetória e as características da produção dos historiadores; d) um dos instrumentos mais eficazes da reflexão sobre o seu saber. (FREITAS, 2007:19); e) análise crítica do processo de produção do conhecimento histórico, e desse conhecimento enquanto conhecimento. LAPA, 1976:16).

Se o objeto da história é o conhecimento histórico qual seria o da historiografia?

No obstante antecipar que essa é uma questão em aberto, Lourais Janotti define a posição

> considerando matéria prioritária do estudo historiográfico obras que deliberadamente recorreram a fontes documentais no esforço de compreender o passado vivido, dando-lhe inteligibilidade na compreensão presente (JANOTTI, 2011: 120).

Para Amaral Lapa, o objeto da historiografia, é o pensamento histórico. Mas adverte que, ela

> não deve ser mera enumeração de autores e obras, numa desambiciosa descrição do que se escreveu em História. Antes, deve captar em profundidade o conteúdo das obras, da palavra, das idéias e da própria ação dos historiadores. (LAPA, 1976: 17).

Consequentemente, a relação entre a história e a historiografia pode ser percebida no momento da identificação dos objetos de estudos. Entretanto, a citação abaixo torna este aspecto bastante evidente.

> Estudos de Historiografia supõem o julgamento da obra de História, não apenas como trabalho de inspiração individual, mais ou menos bem-sucedido, mas também como resultado intelectual do confronto das concepções que uma sociedade tem sobre si mesma em um determinado momento vivido de seu percurso. (JANOTTI, op.cit. pg 119).

Encerramos nossa conversa indicando as propostas de estudos da evolução da historiografia brasileira. Estas seriam: a) temáticas a partir dos gêneros históricos sugeridos por José Honório Rodrigues; b) assuntos especializados na História do Brasil a exemplo dos encontrados na obra de Nelson Werneck Sodré; c) critérios fundamentados nas ideologias dominantes trabalhados por Emilia Viotti da Costa; d) por fim, critérios cronológicos de Francisco Iglesias. Segundo o autor, o esquema seria:

> 1. de 1500 a 1838, ou seja, dos primeiros dias até a criação dos Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que vai exercer papel notável na vida do pais. Compreende o período colonial. [...] são mais crônicas históricas que história, mais fontes que obras elaboradas.
> 2.. de 1838 a 1931, com influência exercida pelo Instituto, organizado de acordo com o modelo francês, em época de certa ebulição na Europa, com a busca de documentos de todo tipo, devidamente valorizados. [...] O Instituto exercerá influência por suas reuniões e iniciativas e sobretudo, pela sua REVISTA.
> O primeiro sinal evidente, nesse sentido, é a História Geral do Brasil, de Francisco Adolpho de Varnhagem em dois volumes, em 1854 e 1857.
> 3. de 1931 a nossos dias. A data inicial é a da reforma do ensino de Francisco Campos, sobretudo no grau superior, criadora das faculdades de educação, ciências e letras, depois multiplicadas com as faculdades de filosofia e de economia, que contam entre outros, com o curso de história. (Iglesias, 2000, pg 23).

CONCLUSÃO

Meu prezado aluno, minha prezada aluna, depois desse nosso encontro, cuja conversa circunscreveu ao nascimento e ao desenvolvimento da historiografia brasileira, à relação e distinção entre história e historiografia, vocês podem ter percebido que a historiografia brasileira nos conduz para o "exercício de bibliografia". *A leitura, sobretudo* de autores brasileiros, lhes permitirá um encontro com as várias maneiras de ver e interpretará o Brasil.

RESUMO

Nesta primeira aula, demonstramos a importância da Historiografia Brasileira como uma área de conhecimento fundamental tanto ao ensino quanto a pesquisa da História. Vimos que, apesar de seus estudos terem se tornado comuns e ampliados, sua prática é recente. Muito mais que um desfile de obras e seus autores, a historiografia é a análise crítica da produção do conhecimento histórico e desse conhecimento enquanto conhecimento.

ATIVIDADES

Escolha um site de busca na internet (ex: Google, Cadê, Bing etc) e digite as seguintes palavras-chave: Historiografia e Historiografia Brasileira. Selecione um texto sobre o assunto e faça um pequeno resumo abrangendo concertos e objetivos dessas palavras-chaves.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Após a leitura desta primeira aula, o aluno/a deverá responder a atividade objetivando entender e distinguir os conceitos de História, Historiografia e Historiografia brasileira a fim de que ela possa aprender a relação entre História e Historiografia.

PRÓXIMA AULA

Nas entrelinhas da Historiografia Colonial.

REFERÊNCIAS

FREITAS, Itamar. **Historiografia Sergipana**. São Cristovão, SE. Editora UFS, 2007.

IGLÉSIAS, Francisco (1923-1999). **Os historiadores do Brasil**: capítulos de historiografia brasileira. Rio de janeiro, nova fronteira, BH, MG, UFMG, IPEA, 2000.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **O diálogo convergente:** políticos e historiadores no início da República. In, Historiografia Brasileira em Perspectiva. Marcos Cezar de Freitas (org) São Paulo: Contexto , 2001.

LAPA, José Roberto do Amaral. **A história em Questão** (Historiografia Brasileira Contemporânea) Petrópolis, Vozes, 1976.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil**. (De Varnhagen a FHC.) 2ª edição. Rio de Janeiro: editora FGV, 1999.

RODRIGUES, José Honório. **História da História do Brasil.** São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, 1979.

SODRÉ, Nelson Werneck. **O que se deve ler para conhecer o Brasil.** Rio de Janeiro: INEP, 1960.